

**FILOLOGIA E AMIZADE: A CORRESPONDÊNCIA DE CONTINI COM  
GADDA E MONTALE**

**PHILOLOGY AND FRIENDSHIP: CONTINI'S CORRESPONDENCE WITH  
GADDA AND MONTALE**

Raphael Salomão Khéde (UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo**

*O artigo se propõe a analisar a correspondência entre o filólogo românico Gianfranco Contini e os dois grandes escritores italianos Carlo Emilio Gadda e Eugenio Montale, colocando em evidência o percurso crítico e inventivo de três grandes figuras do contexto literário italiano do século XX.*

***Palavras-chave:** Gianfranco Contini; Carlo Emilio Gadda; Eugenio Montale; Literatura italiana.*

**Abstract**

The goal of this paper is evaluating the correspondence between the Romanesque philologist Gianfranco Contini and the two great Italian writers Carlo Emilio Gadda and Eugenio Montale, highlighting their critical and inventive journeys during the twentieth century's Italian literary context.

***Keywords:** Gianfranco Contini; Carlo Emilio Gadda; Eugenio Montale; Italian Literature.*

**1. Introdução**

Minha intenção será apresentar alguns dados e elementos importantes, no âmbito da história da literatura italiana do século XX, extraídos da análise da correspondência estabelecida entre o filólogo Gianfranco Contini e o poeta Eugenio Montale e entre

---

<sup>1</sup> Email: [raphaelsalomao@hotmail.com](mailto:raphaelsalomao@hotmail.com) Professor de Língua e Literatura italiana da UERJ. Formado em Línguas e Literaturas estrangeiras na Università degli studi di Torino. Fez Doutorado em Literatura Comparada pela UERJ (2013) com uma tese sobre a fase italiana de Murilo Mendes (*Em Busca de uma poesia universal: Murilo Mendes na Itália (1957-1975)*). Publicou artigos sobre Dante, Petrarca, Boccaccio, Cesare Segre e Italo Calvino, entre outros. Orcid:0000-0003-3736-2526.

Contini e o romancista-engenheiro Carlo Emilio Gadda. A análise se baseia nas duas edições organizadas pelo filólogo Dante Isella, ex-aluno de Contini: a primeira é a edição de 1997 da editora *Adephi* que reúne a correspondência entre Contini e Montale num período de 45 anos entre 1933 e 1978; a segunda é a edição de 2009 das cartas trocadas entre Contini e Gadda entre 1934 e 1967, publicadas pela editora *Garzanti*, com organização de Dante Isella, Gianfranco Contini e Giulio Ungarelli.

Analisaremos individualmente cada edição, levando em consideração o contexto histórico e cultural no qual as cartas foram produzidas; nesse sentido, não será inútil lembrarmos que os três eram amigos, inclusive, Montale e Gadda.

Antes de mais nada, será importante percorreremos rapidamente, sobretudo para os que não estão estritamente envolvidos com a literatura italiana, a trajetória de cada um dos três escritores.

Gianfranco Contini (1912-1990) nasceu em Domodossola, se formou em filologia românica com uma tese sobre a obra de Bonvesin de la Riva, tendo aperfeiçoado em seguida seus estudos filológicos com Santorre Debenedetti em Turim, onde entrou em contato com o grupo fundador da importante editora *Einaudi*; depois de um breve período de estudo em Paris em *l'École des Hautes Études* e o retorno à Itália, obteve o cargo de professor de italiano num liceu clássico em Perugia em 1934; a partir de 1937 tornou-se membro do centro de filologia italiana da *Accademia della Crusca* em Florença e no mesmo ano foi nomeado professor de língua e literatura francesa na Universidade de Pisa; em 1938, aos 26 anos, assumiu a cátedra de Bruno Migliorini como professor de filologia românica na Universidade de Friburgo; permanecerá na Suíça até 1952, quando passará primeiro para a Universidade de Florença e enfim para *La Scuola Normale* de Pisa; Contini foi também membro da *Accademia dei Lincei* em Roma.

A importância do grande filólogo para a literatura italiana do século XX está relacionada incontestavelmente à introdução da crítica das variantes, método que propõe analisar o trabalho que o próprio autor faz em cima de seu texto em redações diferentes ou numa mesma redação através de correções: o crítico extrai daí uma possibilidade exegetica.

Contini publicou uma importante introdução às *Rime* de Dante, em 1939 e, em 1951, *Preliminari sulla lingua del Petrarca*, texto ainda hoje fundamental para análise linguística do *Canzoniere*. Atribuiu e publicou o texto crítico de dois poemas de Dante,

*Fiore e Detto d'amore*. Reuniu seus ensaios sobre Dante, de 1939 a 1984, em *Un'idea di Dante*.

Fundamental para a crítica italiana foi a sua distinção estilística entre o *plurilinguismo* de Dante e o *monolinguismo* de Petrarca; Contini foi, também, o primeiro a sublinhar o expressionismo linguístico de Gadda, na linha Rabelais-Joyce, a mistura de língua sublime e dialeto nas obras do escritor milanês, através de artigos recolhidos e publicados em 1989 em *Quarant'anni di amicizia. Scritti su C.E.Gadda-1934-1989*.

De Montale, por sua vez, Contini acompanhou a trajetória inteira, como resulta de seus escritos reunidos no livro *Una lunga fedeltà* (1974); pouco antes da morte do amigo, concluiu, com a ajuda de sua ex-aluna Rosanna Bettarini, a edição crítica da obra poética completa do poeta, *Opera in versi*, como resulta, inclusive, da leitura das últimas cartas trocadas entre os dois.

Eugenio Montale (1896-1981) nasceu em Genova, foi jornalista, prosador, tradutor, sobretudo poeta; publicou *Ossi di seppia* em 1925 e, em 1929, foi chamado para assumir a direção do Gabinete científico-literário *Viesseux* em Florença de onde seria demitido em 1938 por não estar inscrito no partido fascista; em 1939 publicou *Le occasioni* e, em 1956, *La bufera e altro*; recebeu o prêmio Nobel em 1975 e a *laurea honoris causa* pelas universidades de Milão, de Roma *La Sapienza* e por *Cambridge*.

Carlo Emilio Gadda (1893-1973) nasceu em Milão, foi engenheiro eletrotécnico, profissão que o levou a viajar bastante ao longo de sua vida, inclusive para a Argentina, onde morou por alguns anos. Foi escritor de romances e contos, entres os quais, os mais conhecidos pelo grande público são *Il castello di Udine* (1934), *L'adalgisa* (1944), *Quer pasticciaccio brutto de via Merulana* (1957), *La cognizione del dolore* (1963), *Eros e priapo* (1967) e *La meccanica* (1970). A reunião de sua obra completa (1988-1993) publicada pela editora *Garzanti* foi realizada pelo filólogo Dante Isella.

O valor para nós das cartas trocadas entre os três autores se deve ao fato de que nos permite não só conhecer mais de perto a obra e a vida de três figuras fundamentais da literatura italiana do século XX, como também reconstruir, através delas, o contexto histórico-cultural da época. A relação de amizade e de troca intelectual entre o grande filólogo e os dois importantes autores se mistura, se confunde e se torna uma coisa só com a função do crítico, entre conselhos, pedidos de ajuda, confidências sobre os mais variados aspectos que resultavam nas pontuais e providenciais respostas de Contini;

nesse sentido, as cartas nos fornecem informações também sobre a situação financeira, artística e existencial, de modo geral, dos três envolvidos, como veremos. Foi extremamente interessante e em alguns momentos até surpreendente descobrirmos esse lado mais cotidiano e caseiro do rigorosíssimo filólogo medieval Gianfranco Contini.

Movida quase sempre por um intento prático imediato, de caráter comunicativo diríamos, essa troca epistolar não deixa de carregar também e, sobretudo, a marca expressiva e estilística própria de cada um dos três escritores: o crítico, o poeta e o romancista, fraternalmente atraídos por um profundo interesse poético pela palavra.

De fato, os códigos comunicativos utilizados nas correspondências entre os três são verdadeiros idioletos. Nessas duas novas línguas inventadas (a de Contini-Gadda e a de Contini-Montale) circulam neologismos, jogos de palavras, abreviações, empréstimos de outras línguas (do latim, do grego, do francês, do inglês, do espanhol, assim como dos mais variados dialetos italianos), liberdades gramaticais de toda espécie, através de um tom íntimo, familiar, coloquial (incluindo em alguns casos termos de baixo calão) e de um estilo literário-poético, sublime, culto, erudito que não deixa, todavia, de aderir, de forma intermitente porém constante, ao sentido e ao nível cômico do cotidiano.

Na leitura das cartas, o leitor se depara imediatamente, também, com o difícil contexto histórico-cultural da Itália, no âmbito de um acontecimento extremo, não só para a península e sim para toda a Europa, como a segunda guerra mundial, o nazifascismo e tudo o que isso comportou; existe nas duas correspondências uma interrupção relativa sobretudo ao período compreendido entre 1943 e 1945, o mais violento da guerra.

Nesses verdadeiros diálogos por escrito, fala-se, de modo geral, de eventos políticos, assim como de eventos culturais marcantes (prêmios literários, publicações, encontros entre escritores, disputas intelectuais ferozes), mas, sobretudo, fala-se de literatura: Montale muitas vezes pedia conselhos a Contini enviando-lhe seus poemas. Dante Isella a esse respeito definiu Contini como uma verdadeira consciência crítica para o poeta; da mesma forma, era enorme o reconhecimento de Gadda pelo longo trabalho de crítica e de divulgação que o filólogo dedicou à obra do amigo romancista.

Portanto, podemos distinguir desde já três elementos principais que recorrem nos dois epistolários: 1) o envio de cartas onde são mencionados textos poéticos ou em prosa submetidos por Montale e Gadda para Contini para conseqüente análise e possíveis propostas e sugestões (às vezes era o próprio Contini que solicitava o texto);

2) o tom sempre de confiança e de intimidade entre amigos; 3) as referências a fatos e acontecimentos do meio artístico e intelectual italiano, do começo dos anos trinta ao final dos anos setenta do século passado.

## 2. Contini – Montale

O livro *Eusebio e Trabucco. Carteggio di Eugenio Montale e Gianfranco Contini* (1997) reúne 105 cartas de Montale para Contini e 42 de Contini para Montale. Essa discrepância no número se deve ao fato de que o poeta não teve residência fixa por muitos anos, por isso as cartas enviadas pelo crítico, à causa das mudanças de domicílio de Montale, não foram totalmente conservadas. Certamente ainda existem outras cartas a serem resgatadas.

Essa edição, realizada com grande meticulosidade por Dante Isella, contém na sua parte final, além das notas referentes às cartas, uma tabela das abreviações bibliográficas (*tavola delle abbreviazioni bibliografiche*), o registro das cartas, o índice do *incipit* das cartas e dos poemas de Montale e Contini (somente um), o índice cronológico e o índice dos nomes.

Dante Isella no prefácio explica o título e o uso das palavras *Trabucco e Eusebio*: *Trabucco*, apelido com o qual Montale chamava Contini, com a variante *Trabujo* na forma espanhola com j, ou *Trabuccolin*, deriva do nome da rua onde Contini morava em Domodossola; *Eusebio* é um pseudônimo schumanniano de Montale, inventado pelo escritor Bobi Bazlen. *Mosca*, apelido de Drusilla Tanzi (1886-1963), escritora e esposa de Montale, também amiga de Contini, para o qual escreveu algumas vezes, na parte final das cartas enviadas pelo marido, recados, congratulações e saudações.

A correspondência se estendeu por um período de 45 anos entre 1933 e 1978, partindo de cidades como Domodossola, Perugia, Florença, Roma, Milão, Friburgo e Paris.

Nessas cartas percorremos toda a literatura italiana, sobretudo a do século XX: existem referências ao próprio Gadda, a Svevo, Pirandello, Palazzeschi, aos críticos Giacomo e Santorre Debenedetti (o qual em 1938, devido à sua origem judaica, foi

obrigado a abandonar a cátedra de filologia românica), a Luigi Russo, a Pavese e seus poemas de *Lavorare Stanca*, ao Pratolini das *Cronache di poveri amanti* e a outros autores contemporâneos como Gide, Valéry e Eliot.

Seguindo uma ordem cronológica, podemos notar, a partir da leitura da primeira carta, de 8 de junho de 1933, de Montale para Contini, que o poeta se dirige ao jovem crítico de apenas 21 anos com um “*caro signore*”, dizendo que raramente a sua obra foi examinada com “tanta inteligência e tanto amor”<sup>2</sup>, referindo-se ao ensaio *Introduzione a E. Montale*, escrito naquele mesmo ano por Contini e hoje publicado em *Esercizi di lettura*.

Montale também pede, nesta carta, para Contini lhe enviar seus escritos ensaísticos sobre Emilio Cecchi e Ungaretti, agradecendo com admiração (*stima*) e amizade (*amicizia*).

Contini lhe responde prontamente e, em sua segunda carta, Montale se dirige ao jovem crítico chamando-o dessa vez de *caro Contini* (e não mais “senhor”: de fato Montale até então não conhecia a idade de Contini), dizendo sentir inveja do bellissimo ensaio *ungarettiano* e que gostaria que um dia certos desenvolvimentos (“*sviluppi*”) da sua própria poesia “fossem esclarecidos por um crítico como Contini, ao qual já tanto devo”.

E não faltarão, em outras cartas, definições e propostas de Contini para a obra do amigo, como, por exemplo, na carta de 12 de julho do mesmo ano onde o crítico fala em processo de absorção (*processo di assorbimento*) na poesia de Montale.

Propondo uma contraposição entre as poéticas de Montale e Ungaretti, com clara simpatia pelo amigo lígure, Contini afirma em 19 de janeiro de 1934 (1997, p.14):

(...) A poesia de Ungaretti e a sua me parecem personificar dois tipos ideais opostos, a poesia “recebida” e a poesia de trabalho. Ungaretti é por assim dizer uma “sede” irresponsável de fenômenos.

[(...) *La poesia di Ungaretti e la sua poesia mi sembrano impersonare due tipi ideali opposti, la poesia “ricevuta” e la poesia di lavoro. Ungaretti è una “sede”, per così dire, irresponsabile di fenomeni.*]

Mais adiante na mesma carta, continua Contini, “aquilo que é terrível em Ungaretti é a sua falta de filologia. Ungaretti não tem filologia.” O crítico fala também,

---

<sup>2</sup> A tradução desse e de outros trechos de cartas citados é minha.

sempre em relação a Ungaretti, de *immediatezza poetica*, de intuição no sentido “anti-historicista”, como entendido por Croce.

Na carta de 22 de março para Montale, Contini afirma que para ele a “*descrittività*”, o caráter descritivo da crítica, lhe parece ser a própria função da crítica em geral, que, segundo ele, deveria ser mais textual e menos interpretativa. Anexada a essa carta, Contini lhe enviou um poema escrito por ele mesmo (o único presente nesta correspondência), dizendo tratar-se de coisa que havia mostrado para poucos<sup>3</sup>.

Na carta de 25 de junho do mesmo ano, 1934, Contini fala em *esattezza tecnica* (precisão técnica), própria da tradição da poesia dialetal, em relação aos poemas de *Ossi di Seppia*.

Numa carta de 14 de julho de 1935, Contini define o poema *Costa San Giorgio* um dos poemas mais bonitos de Montale, acrescentando que o gosto é “uma faculdade objetiva, e devemos repeti-lo com o risco de sermos considerados os depositários infalíveis.” Já o poema *Sotto la pioggia* é considerado mais adiante pelo crítico como “umas das invenções mais secretas e bonitas de toda a lírica italiana!”. O jovem filólogo, através de referências a Catullo, Hölderlin, Leopardi e Heine, define Montale segundo uma expressão que fará sucesso, como poeta *associativo*, misterioso e difícil. Nesta carta, assim como em outras do epistolário, existem declarações mais íntimas, como esta de Contini (1997, p.31):

Talvez você não imagine (ninguém imagina) quanto eu seja inseguro. Será o estilo, será porque eu me expressei tão mal? Será a compressão da educação? O mundo externo parece ver em mim uma certeza talvez até arrogante. Não me toco muito para não sentir o som do vazio.

[*Forse non immagini (nessuno immagina) quanto io sia insicuro. Sarà lo stile, perché io mi esprimo troppo male? Sarà la compressione dell'educazione? Il mondo esterno ha l'aria di vedere in me della certezza, magari arrogante. Non mi tocco molto per non sentire il suono del vuoto.*]

Nas cartas escritas por Montale também resulta explícito esse lado mais íntimo, mais familiar: o poeta, por exemplo, assim como Gadda, continuará sempre enviando saudações aos pais de Contini, aos “*jefes*” (na forma espanhola), assim como ele os apelidou; os pais do crítico moravam em Domodossola, na região Piemonte, perto da fronteira com a Suíça.

---

<sup>3</sup> Esse aspecto do crítico-poeta, inclusive, ainda foi muito pouco pesquisado.

Um pouco mais adiante, na mesma carta de 14 de julho de 1935, o jovem crítico se refere a si como quem tem “uma alma que estima de pouco valor”. Alguns anos mais tarde, numa carta de 1939, Contini escreverá sobre sua falta de amigos.

Muitas cartas contêm conselhos e sugestões entre um e outro interlocutor sobre participações em congressos e palestras, publicações em revistas ou jornais, informações sobre prêmios literários, sobre artigos e fatos da crônica artístico-cultural da época na Itália e na Europa de modo geral.

Em 1938 Montale lhe enviou o manuscrito do livro *Occasioni*, que serão definidas por Contini como uma operação mais de “desabamento” (*sprofondamento*) do que de “submersão apolínea”. Em outra carta, a de 6 de maio de 1939, a poesia em geral é definida por Contini como “uma questão de trabalho” e como a “história dos nossos relacionamentos com a Poesia” e o crítico, como aquele que “refaz essa história em termos lógicos”.

Sempre no mesmo ano de 1939, em outra carta, o crítico fala em completude “melódico-arquitetural” (*compiutezza melodico-architetturale*) em relação à obra de Montale: aqui podemos notar um dos muitos exemplos de criação de neologismos por parte do crítico, sua liberdade estilística em utilizar um adjetivo numa forma nova (*architetturale*) ao invés da forma normalmente usada (*architettonico*). Contini, nesta carta, fala também da presença de um “retorno à construção” na poesia do amigo, dedicando-se com gentileza (conforme solicitado) a assinalar elementos que não lhe agradam na poesia de Montale. O crítico afirma: “*se mi permetti ti segnalo qualche areola che mi fa risentire*”. É significativo do método crítico “epidérmico” de Contini o uso do termo “aréola” que, em anatomia, indica uma pequena superfície.

Ainda em 1939, a quarta parte do livro *Occasioni* é definida por Contini “a coisa mais europeia escrita no século XX na Itália” (1997, p.52).

Nesse mesmo ano de 1939, Contini, instigado pela experiência da análise direta do processo criativo do amigo, se declara um crítico “quase-racionalista”. Ele ressalta o lado autobiográfico da crítica: “o crítico narra as suas experiências, mesmo procurando objetivá-las em termos lógicos, acredito eu, quase-racionalista, que ele faça autobiografia”.

Abrindo um pequeno parêntesis, para contar um dos tantos detalhes que surgiram durante a leitura da correspondência, não posso citar todos, na nota a esta carta de Contini, Dante Isella, o responsável pela organização dessa edição, cita uma carta de Curtius para P. de Menasce, professor de História das religiões na mesma Universidade

de Friburgo, onde Contini lecionava-, carta na qual Curtius diz ter sido logo conquistado por Contini desde o momento em que o conheceu: “*il est doué de multiples et fines antennes.*” (1997, p. 55)

Indo adiante com nossa análise, nessa troca de informações entre o crítico e o poeta, Contini, em 1940, chega a pedir, ironicamente, desculpas pelo seu “procedimento filológico”, ao solicitar ao amigo esclarecimentos sobre a cronologia da composição de seus poemas.

A admiração recíproca, como é fácil perceber, foi declarada mais de uma vez: para Contini, a poesia de Montale “se encarna na sua dialética”. Para Montale, ao se referir à introdução que Contini havia escrito para a edição de uma antologia suíça que recolhia os seus (de Montale) poemas, intitulada *Choix de poèmes*, trata-se de “*bellissima, meravigliosa préface così adatta alla mentalità francese*”.

Muitas vezes o poeta pede conselhos sobre seus poemas enviados ao amigo, “*mi occorre perciò una tua parola*”, em carta de 11 de fevereiro de 1943 ou, no mesmo ano, quando em outra carta pede conselhos sobre alguns versos, deixando ao crítico a escolha entre duas variantes propostas.

Contini, durante a guerra, inscrito no *Partito d'azione*, o qual teve uma parte importante durante a *Resistenza* no Piemonte, foi obrigado a deixar sua casa em Domodossola, com medo de represálias fascistas, indo refugiar-se com a família na Suíça. Montale por sua vez havia perdido seu cargo no Gabinete *Vieusseux*, por não estar inscrito no partido fascista. Em 1938, sem emprego, Montale viveu de traduções (sobretudo do inglês); entre outras, é importante lembrar *La Battaglia* de John Steinbeck, realizada em 1940 para a editora *Bompiani*.

De outubro de 1943 a maio de 1945, os dois não se escreveram. Na primeira carta de 1945, depois de tanto tempo de apreensão, existe uma manifestação de amizade de Montale e de sua esposa Mosca: “*Ti abbiamo sempre ricordato con viva apprensione e nostalgia*”.

Como atestam algumas cartas, Montale também pintou quadros nos anos seguintes à segunda guerra mundial e deu de presente alguns deles ao amigo.

Nas cartas existem referências a publicações e a questões editoriais: em 1945, Contini convidou Montale para colaborar na tradução de clássicos estrangeiros para a Editora *Mondadori*, propondo-lhe, num primeiro momento, Shakespeare e, em seguida, o teatro de Cervantes, mas nenhuma das duas propostas se concretizou; os dois

trocaram informações sobre o projeto de Contini de traduzir autores italianos para o francês; entre outras notícias, numa carta de Montale de '45, o poeta dá informação ao amigo sobre os direitos autorais do romance *Senilità* de Svevo. Existem cartas em que são trocadas informações sobre as traduções dos livros de Montale para outras línguas, como, por exemplo, as realizadas por Pierre Jean Jouve para o francês.

Nesse mesmo ano de 1945, em outra carta, Montale cede ao crítico todos os seus poemas não pertencentes à Editora *Einaudi* para que ele possa analisá-los; nessa carta Montale se desculpa com Contini por se recusar a traduzir Cervantes para o projeto da *Mondadori*, dizendo sentir-se “chateado em negar um favor à pessoa a quem mais eu devo”. Em '46 Montale pede sugestões sobre o tema de uma série de palestras que iria proferir naquele ano na Suíça; ele escreve, com ironia, que esperava não encontrar Contini em nenhuma daquelas ocasiões na platéia, não pela pronúncia de seu francês em si, mas pelo próprio texto que iria apresentar.

Nesta ocasião, Montale pedia informações sobre Friburgo para um artigo que seria publicado com o título *Due preti*, onde o poeta utilizou amplamente, ao pé da letra, as informações recebidas por Contini (1997, pp.164-167). Mais um exemplo textual explícito, portanto, do sodalício estreito entre os dois.

Através da leitura do epistolário, recebemos também informações sobre a carreira universitária de Contini. Em 1942 o crítico Luigi Russo, que já havia conseguido em 1937 o cargo de língua e literatura francesa para Contini em Pisa através de Giovanni Gentile, escreveu novamente para o ex-ministro Gentile conseguindo que fosse instituída dessa vez uma cátedra de história da língua em Pisa para Contini. Porém, uma lei de 1939 impedia quem não estivesse casado de assumir cargos públicos; Contini, por ser solteiro, não pôde ser admitido. O crítico se casaria mais tarde, em 1956, com a pesquisadora alemã Margaret Piller.

Entre as notícias que Montale transmitia para Contini, o qual passava a maior parte de seu tempo na Suíça, existe o relato de um fato acadêmico delicado no pós-guerra, que gerou uma grande discussão no meio universitário, quando Ungaretti e De Robertis foram suspensos do ensino universitário, por terem sido assumidos, durante o Regime Fascista, por “justa fama”, segundo a vigência da época, quando os professores eram indicados e não aprovados por concurso.

O número de cartas entre os anos 1950 e 1970 diminuiu e a correspondência entre os dois passou a se concentrar, nos últimos anos, sobretudo sobre o prêmio Nobel entregue a Montale em 1975 e sobre a edição crítica de sua obra poética completa,

*L'opera in versi* (1980), realizada por Contini e Rosanna Bettarini. Montale conseguiu ver a publicação de sua obra poética completa um ano antes de sua morte.

### 3. Contini- Gadda

A edição do livro *Contini-Gadda. Carteggio 1934-1963* foi realizada por Dante Isella (com contribuições de Gianfranco Contini e de Giulio Ungarelli) e publicada em 2009 pela editora *Garzanti*. Trata-se especificamente de um total de 163 cartas, postais e telegramas escritos e enviados por Gadda (101) e por Contini (62), divididos dessa forma:

- 62 documentos inéditos, escritos por Contini e enviados para Gadda de 1934 a 1936 e de 1940 a 1942, preparados por Dante Isella;
- 76 cartas enviadas de Gadda para Contini, já publicadas pelo próprio Contini em 1988 pela editora *Garzanti* (*Carlo Emilio Gadda. Lettere a Gianfranco Contini a cura del destinatario*) e que vão de 1934 a 1967;
- 25 cartas de Gadda para Contini que compreendem o período entre 1943 e 1963, reunidas pelo crítico Giulio Ungarelli.

Essa edição de 2009 contém também, além das introduções a cada uma das três partes indicadas, as notas escritas respectivamente por cada um dos responsáveis: Dante Isella, Contini e Ungarelli. No final da obra há um aparato de abreviações bibliográficas, o índice dos nomes e o índice cronológico das cartas.

A amizade entre Contini e Gadda durou praticamente 40 anos, como indica o título da obra que reúne os escritos continianos sobre Gadda, *Quarat'anni di amicizia*, tendo começado em 1934 e se estendido até a morte do autor milanês em 1973.

Ungarelli ressaltou a semelhança, denominada por ele de *osmosi stilistica*, que se verificou entre a linguagem do remetente e a do destinatário, um tendo absorvido do outro formas, modos e sentimentos.

Na linguagem íntima das cartas, território onde literatura e existência se misturam, é natural que ressentimentos, angústias, afetos e polêmicas sejam ressaltados. Ungarelli também indica a paixão comum entre os dois pela palavra e seu étimo e pela

grande reverência do romancista pelo crítico, reverência que, segundo Ungarelli, Gadda em vida só teve por Longhi e Montale (2009, p. 209).

Um fato que chama a atenção do leitor, assim como havia acontecido na correspondência com Montale, é a grande “mobilidade” dos escritores que se transferiram de cidade em cidade ao longo dos anos, motivo pelo qual suas cartas foram enviadas de volta em volta de Domodossola, Friburgo (Suíça), Milão, Paris, Florença, Perugia e Roma.

Quando Contini, aos 22 anos, escreveu sua primeira carta para Gadda, no dia 18 de maio de 1934, o romancista tinha 41 anos e trabalhava como engenheiro para o *Ufficio dei lavori pubblici* do Vaticano. Os dois escritores utilizavam inicialmente o registro formal, a terceira pessoa do singular em italiano, *Lei*. Numa carta de julho de 1936, depois de 2 anos de correspondência, Gadda convidou o jovem amigo a utilizar a segunda pessoa do singular, *tu* em italiano; e a partir daí passou a chamá-lo de “*caro gianfranco*”, “*carissimo*”, “*caro e lontano Contini*” e assim por diante e assinando geralmente “*Gaddus*” numa forma ironicamente latina. Contini por sua vez se dirigiu ao amigo com “*caro Gadda*” ou com “*carissimo*”. Muitíssimas são as referências a escritores, críticos e intelectuais da época, assim como nas cartas trocadas com Montale: Elsa Morante, Moravia, Pratolini, Vittorini, Longhi, Carlo Levi, Ungaretti etc. Além disso, as cartas de Gadda estão repletas de citações da mais ilustre tradição, de Ovídio a Dante, Petrarca, Tasso, Parini, Leopardi, Manzoni, Carducci e assim por diante.

Contini, na introdução do epistolário com Gadda, escrita em 1988 e publicada nessa edição de 2009 que estamos analisando, percorre como conheceu o escritor. Conta que ao lê-lo pela primeira vez se irritou e que foi Montale a convencê-lo sobre o valor do romancista; Contini então acabou publicando um artigo sobre *Il Castello di Udine* em 1934 e os dois, o jovem crítico e o romancista, marcaram um encontro em Roma, por intermédio do amigo comum Enrico Falqui; a partir de então nasceu um sodalício, como o de Contini e Montale, destinado a durar até a morte; Contini diz que depois de conhecê-lo virou um *accesso partigiano di Gadda*. Será ele a analisar com atenção a deformação linguística operada por Gadda através de seu estilo expressionista, paródico, *maccaronico*, que congrega em si as mais variadas e populares formas dialetais com latinismos, termos científicos, palavras eruditas e rebuscadas.

Na primeira carta de Gadda, como resposta ao jovem crítico, é interessante notar a admiração do romancista ao pedir ao jovem para usar um estilo menos árduo: “gostaria que a agudeza, a verdade e a novidade do seu exame crítico fossem mais

amplamente acessíveis ao leitor médio, por exemplo eu; que o senhor não *ungaretizasse* seu monólogo crítico até torná-lo árduo demais. ”

O movente inicial de todas as cartas quase sempre é motivado pelo envio de obras, artigos, ou por agradecimentos, pedidos de conselhos, notícias sobre prêmios literários, sobre a vida universitária e literária em geral, convites para participar de projetos editoriais (como traduções, artigos em revista, participações em congressos ou em outros eventos acadêmicos), até pedidos de ajuda mais prática, digamos assim, nos difíceis anos da guerra e do imediato pós-guerra, sobretudo para Gadda que, assim como Montale, viveu momentos de extrema necessidade econômica.

Em várias outras cartas, Gadda manifestou admiração pelo crítico. O romancista, na carta que acabamos de citar, em relação ao artigo escrito por Contini sobre seu romance *Il castello di Udine*, diz tratar-se de “construção crítica de alta classe”, e define Contini como “um leitor atentíssimo e agudíssimo que dificilmente quem escreve pode ter a sorte de encontrar”.

Ao receber o ensaio de Contini sobre as *Rime* de Dante, em 1939, Gadda escreve que segundo ele o amigo “criou um *stil novo* da exegese e do comentário. ” Na mesma carta Gadda escreve que os *Esercizi di lettura* do amigo “*sono cosa veramente un po' eccezionale*”.

O romancista define o trabalho de Contini numa carta de 1937 como louvável pela sólida e clara impostação filológica; em outra carta manifesta, na forma espanhola, o interesse de *desfrutar el amigo* para discutir com ele sobre Rabelais.

Em 1940, Gadda elogia outro ensaio de Contini (*Mulino del Po*) definindo-o como “trabalho total, integral, fruto de documentação impressionante e de uma memória demoníaca”.

A correspondência se interrompe durante os anos 1943 e 1944; depois de mais de dois anos de silêncio, em 1945, Gadda descreve o clima de medo devido aos bombardeios em Florença, onde vivia na época. Numa rica nota à carta escrita em 6 de outubro de 1945, logo depois portanto do fim da guerra, Ungarelli percorre a difícil situação econômica de Gadda.

Em muitas cartas desse período Contini tenta convencer o amigo a traduzir *Gargantua e Pantagruel*, mas Gadda recusará alegando indisponibilidade de tempo. O romancista já havia traduzido textos do espanhol, como, por exemplo, *El mundo por de dentro* de Quevedo para uma antologia organizada por Elio Vittorini (*Narratori spagnoli*, 1941).

“Colho”, diz Gadda em outra carta em 1952, “esta ocasião para dar-te minhas notícias, para assegurar-te de minha constante lembrança e de certa tristeza em não te ver”. E prossegue o escritor milanês de forma irônica: “Você nos despreza, nós não somos que diletantes para você”.

As cartas evidenciam também o relacionamento entre os dois escritores através de conselhos sobre questões editoriais, traduções e projetos. Gadda, que trabalhará na *Rai* por algum tempo, no início dos anos '50, tentará mais de uma vez convidar Contini para participar de programas radiofônicos sobre literatura, mas os projetos não se concretizarão por desacordo entre as partes.

Seguindo nossa ordem cronológica, encontramos uma carta de 1950 onde há referência à morte do pai de Contini, ocorrida naquele mesmo ano; escreve Gadda: “*sento il tuo dolore, la tristezza, forse il bisogno di raccoglimento*”; da mesma forma, estão presentes ecos da morte da irmã de Gadda, nas cartas trocadas entre eles em 1952.

Existem cartas do romancista desse período que são uma espécie de desabafo sobre questões literárias: como, por exemplo, no caso do prêmio *Strega* em 1952, atribuído a Moravia, que teria segundo, Gadda, apresentado um romance já em parte publicado, fato proibido pelo regulamento do concurso; ou a polêmica entre o próprio Gadda e o crítico Giuseppe De Robertis, o qual havia resenhado com dureza *Il primo libro delle favole* do romancista milanês.

Gadda descreve para Contini detalhes sobre os livros que está escrevendo ou sobre sua desordenada situação editorial. Não existem cartas no período entre 1954 e 1956; numa carta de 1957, o romancista conta que costuma se encontrar com Bassani, Attilio Bertolucci (poeta e pai de Bernardo, o diretor de cinema), Pietro Citati e Pasolini, com os quais Contini também, quando viajava para Roma, tinha contatos. Abrimos aqui mais um parêntesis para lembrar que foi o próprio Contini que “descobriu” Pasolini, ao comentar no jornal, *Corriere del Ticino*, em 1943, de forma bastante positiva seu primeiro livro de poemas publicado aos dezenove anos em dialeto friulano, *Poesie a Casarsa*.

Outras cartas relatam os prêmios recebidos por Gadda no final de sua carreira de escritor, já cansado inclusive pela idade que começava a avançar: o prêmio *degli Editori* em 1957 para o romance *Quer pasticciaccio brutto de via Merulana* que recebeu também o prêmio *Feltrinelli* em 1962: na ocasião da comemoração, com presença do então presidente da república, Gadda não compareceu alegando motivos de saúde: na carta, com olhos indiscretos, podemos ler outros motivos: Gadda escreveu para Contini,

com tom bastante duro (usado também em outras cartas), que achava uma coisa humilhante e deprimente ter que se apresentar diante dos “membros acadêmicos para os quais sou desconhecido e que me expulsaram sem nem saber quem eu fosse”.

Em 1962, Gadda escreveu confessando a Contini que a sua (do crítico) obra sempre foi “um guia para mim precioso e revelador de modos e instrumentos de pesquisa e de um alcançado conhecimento do texto”. Um abismo, escreve Gadda, “separa o seu intelecto das “minhas aproximações” [entre aspas no original], a sua obra, a sua posição dos meus “jogos” [também entre aspas]”.

Em outras cartas dos anos sessenta, fala-se da introdução que Contini estava escrevendo para a *Adalgisa* de Gadda; fala-se também do *Prix international de littérature* para *La cognizione del dolore* em 1963. Para Gadda, aos setenta anos, esse é finalmente o momento da consagração e da fama.

Em relação à última carta trocada entre os dois, em 1967, Contini, na edição que publicou em 1988, colocou uma nota na qual conta que seu amigo viveu com sofrimento seus últimos anos, com a perda da vista e com uma memória progressivamente intermitente, até a morte ocorrida em 1973.

#### **4. Conclusão**

Para concluir, acho que fica claro, depois da leitura crítica dos dois volumes de cartas analisados, que o senso crítico do filólogo e a amizade (o lado afetivo) não estão separados, e sim em contínuo diálogo, um enriquecendo o outro, num trabalho coletivo. O percurso traçado pelos três escritores, seguindo linhas diferentes, tem em comum o interesse ilimitado pelo conhecimento da língua e da linguagem literária. A diferença marcante entre a correspondência de Contini e Montale e a correspondência de Contini e Gadda é que a maioria das cartas trocadas com Montale tem como finalidade geralmente um maior objetivo “prático”, ou seja, se referem a pedidos de ajuda profissional ou à análise de poemas que o poeta submetia ao filólogo (embora tudo isso não elimine o tom poético e amigável); no diálogo com Gadda, voltado para um tom mais confidencial, resulta evidente um maior contato emotivo, o qual influenciou a escolha estilístico-expressiva da linguagem (sem querermos diminuir com isso a aproximação também muito intensa com Montale), contato emotivo provavelmente acentuado pela extrema solidão dos últimos anos de Gadda, que demonstrou, como

vimos, em cartas com grandes elogios, até seus últimos anos de lucidez, sua admiração pelo crítico e amigo.

Na história da literatura italiana, como todos sabem, Petrarca foi o primeiro autor a reunir organicamente a própria obra poética, o *Canzoniere*, redigido em nove redações, tendo o cuidado de guardar os originais, aos quais, por esse motivo, temos acesso até hoje; depois dele essa atenção filológica foi praticada por muitos outros autores: por isso hoje temos acesso a boa parte das três diferentes edições do *Orlando Furioso* (1516, 1521, 1532) de Ariosto, assim como às diferentes elaborações de *Il Giorno* de Parini, ou às duas famosas edições de *I promessi sposi* de Manzoni (1827 e 1840). Essa atenção cuidadosa e rigorosa com o texto original foi uma prerrogativa que também aproximou Contini, Gadda e Montale.

Não resta dúvida de que além de nos fazerem apreciar uma intensa e entusiasmada troca intelectual, as cartas nos seduzem também por desvendar três aspectos fundamentais do perfil crítico de Contini característicos de seu método hermenêutico: o rigor filológico aplicado aos textos medievais (sobretudo Dante), a crítica militante (praticada como crítica das variantes, como atesta todo o trabalho exegético sobre a obra de Gadda e Montale) e a categoria do afeto e da amizade. Amizade humanística, intelectual, mas também íntima e fraterna. Essas três linhas, amalgamadas, nos guiaram na leitura analítica que fizemos do material selecionado.

### **Referências bibliográficas**

CONTINI, Gianfranco. *Un'idea di Dante*. Torino: Einaudi, 2001.

CONTINI, Gianfranco. “Preliminari sulla lingua del Petrarca”. In: PETRARCA, Francesco. *Canzoniere*. Torino: Einaudi, 1992, pp. XXVII- LXVI.

CONTINI, Gianfranco. *Quarant'anni d'amicizia. Scritti su Carlo Emilio Gadda (1934-1988)*. Torino: Einaudi, 1989.

CONTINI, Gianfranco. *Una lunga fedeltà. Scritti su Eugenio Montale*. Torino: Einaudi, 2002.

CONTINI, Gianfranco. *La parte di Benedetto Croce nella cultura italiana*. Torino: Einaudi, 1989.

GADDA, Carlo Emilio. *Quer pasticciaccio brutto de via Merulana*. Milano: Garzanti, 1957.

GADDA, Carlo Emilio. *La cognizione del dolore*. Torino: Einaudi, 1963.

ISELLA, Dante. *Eusebio e Trabucco: carteggio di Eugenio Montale e Gianfranco Contini*, organização de Dante Isella. Milano: Adelphi, 1997.

ISELLA, Dante; CONTINI, Gianfranco; UNGARELLI, Giulio. *Gianfranco Contini-Carlo Emilio Gadda. Carteggio 1934-1963*. Milano: Garzanti, 2009.

MONTALE, Eugenio. *Opera in versi*, organização de Gianfranco Contini e Rosanna Bettarini. Torino: Einaudi, 1980.

MONTALE, Eugenio. *Tutte le poesie*. Organização de Giorgio Zampa. Milano: Mondadori, 2013.